



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**JOÃO PAULO BORGES EPIFÂNIO**

**AS MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES DA FEIRA LIVRE DE DUAS ESTRADAS-PB**

**GUARABIRA/PB  
2019**

**JOÃO PAULO BORGES EPIFÂNIO**

**AS MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES DA FEIRA LIVRE DE DUAS ESTRADAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA/PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

E64m Epifânio, João Paulo Borges.  
As múltiplas significações da feira livre de Duas Estradas-  
PB [manuscrito] / Joao Paulo Borges Epifanio. - 2019.  
20 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,  
Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Feira livre. 2. Cidades. 3. Sensibilidades. I. Título  
21. ed. CDD 381.18

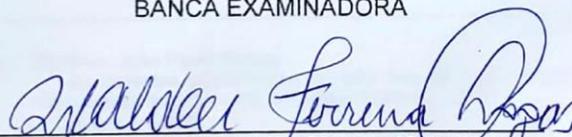
JOÃO PAULO BORGES EPIFÂNIO

AS MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES DA FEIRA LIVRE DE DUAS ESTRADAS-PB

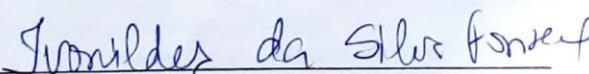
Artigo, apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Aprovada em: 30/10/2019

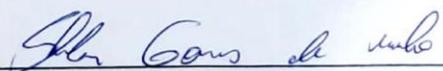
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Sheila Gomes Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, Verônica Borges Silva, pelo seu exemplo de luta e determinação pelos seus ideais. A ela DEDICO esse trabalho.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Imagem da feira de frutas.....	15
Figura 02 – Feirante em momento de encontro com seu freguês.....	17

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
BASE TEÓRICA DO TRABALHO	
2. DESENVOLVIMENTO.....	14
2.1. <i>A Feira e seus múltiplos significados</i> .....	15
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
APENDICE A - Questionários sobre a feira.....	21

## AS MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES DA FEIRA LIVRE DE DUAS ESTRADAS-PB

João Paulo Borges Epifânio<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as formas de sentir e pensar a feira livre de Duas Estradas-PB a partir da memória de sujeitos que a frequenta como vendedor/a ou consumidor/a, bem como identificar representações construídas em torno desta. Representações que apresentam-na não apenas como espaço de transações comerciais, mas também de encontros, memórias e trocas de afeto. Ou seja, um espaço múltiplo, vivenciado de diferentes maneiras pelos sujeitos sociais que a dão significados a partir de suas experiências.

**Palavras-chave:** Feira livre. Cidades. Sensibilidades.

### ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the ways of feeling and thinking the free fair of DuasEstradas-PB from the memory of subjects who frequent it as a seller or consumer, as well as identify representations built around it. Representations that present it not only as a space for business transactions, but also for encounters, memories and exchanges of affection. That is, a multiple space, experienced in different ways by the social subjects who give it meanings from their experiences.

**Keyword:** Fair market. Cities. Sensitivities.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III. E-mail: [jpborges2017@gmail.com](mailto:jpborges2017@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Quando perguntamos algo sobre determinado assunto, se pressupõe que ainda não temos domínio sobre a dada resposta. Precisamos obtê-la. A partir de formulações podemos entrar no campo das hipóteses para buscá-la. Necessário é para as novas questões, novos referenciais de análise para entender os mais recentes e, por vezes, inéditos contextos. Mais o que perguntar, quando já pensamos ter todas as respostas? Quando acreditamos que temos o domínio de todas as certezas? Quando o pensar autocrítico se estar letárgico? Foi basicamente nesta linha de pensamento e nessa condição que algumas correntes historiográficas na segunda metade do século XX que se tornaram de certo modo obsoletas por não darem conta de explicar as novas questões da contemporaneidade que surgiam como complexas e inéditas até então, segundo Pesavento (2003).

Permanecendo esgotado sem si e sem um prognóstico de entender as novas realidades que se instaurava no plano global, correntes historiográficas como a Escola dos Annales e o Marxismo, que até então representavam os marcos conceituais dominantes da história, foram duramente criticados pela sua inoperância frente aos novos temas e questões que emergiam de momento, segundo Pesavento (2003).

Surgiu a partir daí uma mudança e uma ruptura com os modelos clássicos de apreensão da realidade. Do ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem surgiu a história cultural ou nova história cultural. A sua ascensão se deu no âmbito internacional por volta da década de 1970 e no Brasil ganhou melhores contornos a partir de 1990, sendo responsável por 80% da produção historiográfica nacional, segundo Pesavento (2003).

De acordo com Burke (2005): “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana. “Entende-se a partir daí que, o objetivo dos historiadores culturais está em entender o sentido das coisas, dos sinais, das ações ou gestos; das construções humanas numa coletividade e a partir de suas interpretações agregar explicações acerca da realidade e do mundo.

Durante muito tempo houve dicotomia entre aquilo que nomeamos de cultura popular e cultura erudita. Ambas eram percebidas como estâncias separadas: compartimentos, por assim dizer. Alguns viam na cultura popular um tesouro da alma original do povo, sem as manchas da civilização. Outros, porém, viam na cultura popular a marca da selvageria, da falta de civilidade. Por outro lado, a chamada “alta cultura” simbolizaria a evolução do espírito humano.

Os estudos culturais desenvolvidos na segunda metade do século passado mudaram a forma de se encarar o problema: ao invés de procurar as diferenças, esses estudos procuraram os pontos de convergência, os encontros, as trocas. Chegou-se à conclusão, através do conceito de circularidade cultural trabalhado por Ginzburg (1987), de que não existe uma cultura popular imaculada ou uma cultura erudita intocável, mas ambas confluem-se numa dinâmica de um “relacionamento circular feito de influências recíprocas” (GINZBURG, 1987, p. 13) isso de forma a haver numa elementos da outra cultura.

Para Pesavento, e de acordo com (os) historiadores (as)s culturais, cultura pode ser entendida conceitualmente como: “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. (PESAVENTO, 2003, p. 14.) Entendemos a partir dessa citação que cultura é tudo aquilo que é produzido e partilhado pelo ser humano com o objetivo de agregar significado à realidade.

Com a ascensão da nova história cultural novas abordagens de estudo foram feitas em cima de antigos objetos de estudo. Entrando para os domínios da história cultural, as

sensibilidades ganharam destaque no campo historiográfico por apresentar um novo olhar para se entender as realidades históricas.

No campo das sensibilidades, a apreensão do mundo se torna possível através dos sentidos corporais, sejam eles: olfato, paladar, visão, tato ou audição e dos sentimentos e emoções como tradução das experiências sensitivas vivenciadas. Desta forma, como por exemplo, uma pessoa que ouve uma música percebe-a pela audição (sentido sensorial), mas o seu significado ou tradução é dada por sentimentos ou emoções. A música pode trazer o sentimento de tristeza para quem a ouve, bem como o oposto, a alegria. Pesavento afirma que:

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos (PESAVENTO, 2003, p. 57)

Enquanto humanos somos levados a construir teias de significados e a viver a partir dessas significações, significados esses que não são, unicamente, produtos de nossa racionalidade, mas também das nossas sensibilidades, como destaca Pesavento:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo (PESAVENTO, 2003, p.56).

Com o ideal de pesquisar e colher informações das pessoas que entrevistei, me utilizei da metodologia de entrevista semidirigidas. Segundo Tourtier-Bonazzi (2006) há três formas de se conduzir uma entrevista, são elas: dirigida, semidirigida ou não dirigida. Na forma dirigida dá-se muita importância ao questionário. Na forma não dirigida, valoriza-se a liberdade do entrevistado, sendo a forma semidirigida um ponto de equilíbrio entre as duas outras maneiras, como se ver pelas palavras de Tourtier-Bonazzi: “a entrevista semidirigida é com frequência um meio termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto.” (TOURTIER-BONAZZI, 2006, p. 237)

Com base conceitual nas sensibilidades, procurei observar nas entrevistas como as pessoas que entrevistei se sentiram e deram significados as suas experiências na feira, feira esta que para elas se constituiu desde lugar de lazer e entretenimento, a um espaço de transmissão de informações, entre outros. Desta maneira, busquei captar os sentidos, emoções e significados que os entrevistados atribuíram à feira.

Antes de realizar as entrevistas procurei criar bons vínculos com os entrevistados. Marquei com antecedência as entrevistas e cheguei cerca de 20 minutos antes de cada uma delas, tentando com isso criar um clima agradável.

Quanto aos lugares de entrevista, entrevistei o Sr. Éliton Gomes Luna e a Sr.<sup>a</sup> Maria Livramento da Silva Leite em suas respectivas casas, não sendo possível ao Sr. José Antônio da Silva entrevista-lo em sua residência, pois o mesmo é feirante e mora distante de Duas Estradas-PB, por isso a sua entrevista foi realizada na feira.

Quanto ao uso da história oral neste trabalho, foi possível, através dela, desenvolver o aprofundamento da análise da temática em termos práticos da pesquisa.

No início do século XX, mais especificamente em 1903, surgia a chamada Vila Costa. Posteriormente esse território passou a se chamar Duas Estradas<sup>2</sup>. O nome desta vila é uma referência ao sobrenome da mais nobre família que ocupara a região e que desenvolvera atividades econômicas, através de fábricas e beneficiadora de algodão. Essas atividades foram importantes, pois impulsionaram o povoamento do território, sobretudo, do aglomerado urbano. Todavia, Silva (2016) afirma que, foi a partir da ferrovia que a vila ganhou pomposo destaque econômico, visto que surgiram novas formas de comércio, uma vez que os produtos eram levados para a capital da Paraíba e algumas cidades do Rio Grande do Norte. Isso levou a família Costa a ter lucros ainda maiores com a atividade comercial; condição que se manteve até por volta da década de 1970, quando as fábricas foram fechadas e a economia da vila passou a declinar devido à praga do besouro bicudo na cultura do algodão.

O surgimento da feira livre de Duas Estradas acompanhou a dinâmica natural do processo econômico - urbano, uma vez que os produtos de necessidade básica eram encontrados nela. A feira atendia as necessidades de comercialização dos produtos oriundos da agricultura, até então base econômica do município e, desta forma, ajudava na manutenção das famílias que se dedicava a essa atividade. A feira livre também pode ser interpretada como espaço de transações comerciais mais livres, tendo em vista que pelo menos até o início do século XX alguns engenhos monopolizavam o comércio por meio dos chamados “barracões”, pequenos estabelecimentos comerciais que se localizavam dentro do próprio engenho e que sujeitavam os trabalhadores aos preços estabelecidos pelo patrão.<sup>3</sup>

Se mantendo como forma de resistência as inovações contemporâneas de mercado, a feira livre de Duas Estradas tem perdido força ao longo dos anos, isso se explica pelo fato do surgimento das redes de supermercados nessa cidade, as quais suprem durante toda a semana os consumidores com gêneros alimentícios e produtos antes encontrados apenas na feira aos sábados. Essa realidade diminuiu o fluxo de pessoas na feira e consequentemente a circulação de capital neste espaço. Mesmo em gradativo declínio, a feira livre de Duas Estradas ainda tem representativa função econômica para esse município, pois segundo dados do IBGE apenas 10,7% da população está ocupada formalmente, o que representa apenas 385 pessoas num montante de 3.638 moradores/as do município (IBGE 2016). Se deduz através desses dados que a grande maioria da população vive de aposentadorias, pensões, auxílios por parte do poder público, “bicos” e o comércio informal na feira.

Sobre a feira no espaço social da cidade Donalzi e Jesus (2004) destacam que a feira livre é uma possibilidade de sobrevivência para todos aqueles que se encontram à margem da formalidade. Muitos dos que vendem na feira de Duas Estradas são pequenos produtores rurais. Boa parte dessa produção diz respeito ao cultivo da macaxeira, do inhame e grandes plantações de abacaxi, produtos que, em sua maioria, são comercializados diretamente ao consumidor. Também se deve destacar a presença de feirantes de outras cidades a exemplo de Lagoa de Dentro, Serra da Raiz e Sertãozinho.

Apesar da concorrência dos supermercados, a feira revela-se como um espaço de grande importância para a economia local. Não obstante, a sua importância não se restringe tão somente ao seu aspecto material/ econômico, mais também – e esse é o foco desse trabalho – no campo do simbólico/cultural.

Para além do aspecto material/ econômico, enquanto lugar de trocas comerciais, podemos também observar a feira de Duas Estradas em seu aspecto simbólico/cultural

---

<sup>2</sup>Duas Estradas localiza-se na mesorregião do Agreste paraibano, na microrregião de Guarabira, com população de 3.638 (IBGE 2010) e faz limite com os municípios de Araçagi, Curral de Cima, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz e Sertãozinho.

<sup>3</sup> Sobre esse assunto ver Oliveira (1958) e Costa (1990).

observando-a como espaço de encontros, boas conversas, lazer, memórias, sentimentos e troca de afetos.

Neste sentido, podemos referenciar a feira com um caráter transcendental ao material e contextualizado com o sentido deste trabalho quando observamos, por exemplo, a sua relação com a cultura africana. Segundo Serrano e Waldman (2010), na África a feira é entendida como um lugar onde se passa todas as relações de comunidade e vida em grupo. Para além do aspecto material/econômico, é neste espaço também, onde são resolvidos conflitos, se fazem acordos, as pessoas se informam de notícias, firmam alianças matrimoniais, além dos mais diversos eventos são realizados, como festas religiosas. Neste sentido, sobre a feira na África, Verger e Bastide (1992, p. 148) afirmam que:

As redes, ao interligarem as feiras, não permitem apenas a circulação de mercadorias, pois com os homens e mulheres que transportam estes produtos, vão as crenças, os sentimentos e as atitudes que se difundem de norte a sul e de leste a oeste. Esta relação tanto é mais intensa na medida em que, na maioria dos casos, são sempre os mesmos feirantes frequentando as mesmas feiras e se instalando no lugar de sempre (Apud SERRANO&WALDMAN, 2010, p. 131).

A feira em seus contornos é um lugar de difusão de costumes, de valores e crenças. Isso se deve ao fato da sociabilidade neste ambiente ser muito marcante. As pessoas nela estão sempre em contato umas com as outras e neste contato aproveitam para fazerem articulações políticas, conversarem sobre a vida alheia, reencontrar velhas amizades, contar suas histórias, trocar informações e, assim, desta maneira, produzir e disseminar informação de um a outro espaço territorialmente; isso por ser um ambiente visitado por pessoas de diferentes regiões e com conhecimentos múltiplos. A feira, deste modo se torna um ambiente essencialmente diverso culturalmente. Por isso, é contemplada não só por pesquisadores/as das mais diversas áreas do conhecimento, mais também por artistas, a exemplo dos poetas e compositores que a tomaram como inspiração para suas poesias.

Nesse sentido, na música popular brasileira encontramos referência a feira, como forma de expressão da realidade, também podemos encontrar menções a esse evento como espaço de múltiplas significações. A canção “Feira de Mangaio” do cantor e compositor paraibano Sivuca e da também paraibana cantora e compositora Glorinha Gadelha é um exemplo disso. Essa música interpretada pela cantora Clara Nunes fez sucesso no disco “Esperança” lançado em (1979). O trecho baixo da canção “Feira de Mangaio” é denotativo das múltiplas significações desse espaço que a primeira vista é apenas comercial:

Fumo de rolo arreio de cangalha Eu tenho pra vender, quem quer comprar Bolo de milho broa e cocada Eu tenho pra vender, quem quer comprar. Pé de moleque, alecrim, canela Moleque sai daqui me deixa trabalhar E Zé saiu correndo pra feira de pássaros E foi pássaro voando pra todo lugar. Tinha uma vendinha no canto da rua Onde o mangaieiro ia se animar Tomar uma bicada com lambu assado E olhar pra Maria do Joá(Blog Museu da Canção, 05/ 09/ 2019).

No trecho da música “Feira de Mangaio” podemos apreender que, na primeira estrofe, a feira é caracterizada como um lugar comercial de venda e compra de produtos. Atentemos para o enunciado do verso: “Eu tenho para vender, quem quer comprar”. Na segunda estrofe, a feira é representada como um local de diversão, lazer; isso porque um certo ‘moleque’ estaria brincando no local de venda dos feirantes, provocando irritação de quem estava trabalhando.

É comum encontrarmos nas feiras livres crianças se divertindo, correndo de um lado para outro. Na terceira estrofe, um certo mangaieiro ao ir a uma ‘vendinha no canto da rua’, na sua experiência pessoal de feirante, ele conseguia se animar através dos mais variados

sentidos, fosse paladar: “tomar uma bicada com lambu assado” ou visual: “... e olhar pra Maria do Joá”. É coerente afirmar que ele ao ir a essa vendinha, sentia prazer ao título das sensibilidades, pois o termo ‘ia se animar’ nos remete a sensações de alegria ou bom ânimo.

Pelo que podemos observar nestes trechos da música, cada sujeito pode dá diferentes significações a feira de acordo com as suas motivações ou no que sentem nas experiências vivenciadas nela, isso observado a nível das sensibilidades.

A feira é um espaço que se reinventa cotidianamente. Não é um dado em si, um espaço fixo que, por exemplo, possa representar a cultura nordestina - como algumas imagens estereotipadas tentam passar. Tendo isso em vista, o objetivo principal do presente trabalho é analisar os diferentes significados que os sujeitos agregam à feira, dando ênfase, sobretudo, as sensibilidades, ou seja, a maneira como os sujeitos experimentam, sentem e interpretam as suas vivências na feira de Duas Estradas – PB. Desta forma, este trabalho dialoga teoricamente com a história cultural.

Para tanto, recorri a história oral com a metodologia de entrevistas semidirigidas a três pessoas e observei nos relatos delas a conexão de sentido que se faz pertinente a este trabalho. Discuto os conceitos básicos de história cultural, e das ‘sensibilidades’, e desenvolvo o trabalho a partir da história oral.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A pessoalidade e o afeto na feira livre de Duas Estradas são aspectos também observados na relação feirante-freguês, pois muitos feirantes dedicam certos tratamentos diferenciados para alguns “amigos fregueses” como, por exemplo, separar as melhores frutas até o amigo freguês chegar e comprar. O “poder comprar fiado” também se configura como outro tipo de tratamento e de demonstração de afeto por parte do feirante. Em ambos os casos esses favorecimentos são concedidos a partir de uma relação de sedução e conquista- isso visto de uma maneira dura - mas também não anula os sentimentos de se estar na banca e gostar de ver e escutar o seu freguês parceiro todo sábado por quem ele tem uma certa simpatia. Da mesma maneira, o inverso.

Outra realidade na feira é a presença de menores de idade trabalhando nela, ou seja, carregando as compras das pessoas até as casas delas. Geralmente eles usam carros de mãos e por esse serviço recebem valores irrisórios, começam a fazer esse serviço logo muito novos para ajudar nas despesas de casa, começam as suas atividades no início da manhã e vão até ao meio dia trabalhando sob um sol escaldante. A feira, desta maneira, simboliza um espaço de exploração, como forma de contradição social.

Ainda de manhã é possível ver também, principalmente aos sábados, o trabalho evangelizador dos protestantes que, com uma caixa de som, às vezes um violão, e um microfone na mão e uma turma de seguidores, pregam e cantam em nome da sua fé. A feira para eles desta maneira assume o significado de lugar de propagação de fé.

A feira é composta de múltiplos sujeitos e fazeres, cada qual vê e dar-lhe o significado de acordo com o que sente, vivencia e a leva a frequentá-la. Assim sendo, o menino que carrega as mercadorias na carroça pode ver esse espaço como uma oportunidade de conseguir algum dinheiro; o protestante, a vê como espaço ideal a assumir sua empreitada religiosa na tentativa fazer novos prosélitos a sua fé; o freguês vê a feira como um local de lazer, para além das compras; e o feirante, a enxerga como um local de bons encontros para além das suas vendas, e o fiscal de tributos percebe como um lugar onde cumpre o seu dever de ofício ao taxar cada banca, isso por exemplo.

Vale destacar que essas significações são ilustrativas no seu caráter objetivo, visto as motivações secundárias poderem ganhar em algum momento predominância ante as motivações primárias de se estar na feira. Um freguês, por exemplo, em algum momento de conversa com um colega na feira pode se entreter no encontro e esquecer de comprar um saco de pepino que pretendia; neste momento ele resignifica-a como lugar de encontro e de lazer, deixando no segundo plano a feira como espaço de compra e venda. A feira para ele poderia ser um banco de praça neste momento. Na verdade, ele não é apenas um freguês com o fixo objetivo de apenas comprar, mas uma pessoa que vai a feira por “n” motivações além das compras, sente e vivencia diversas experiências nela. Um sujeito múltiplo num espaço de diferentes significações.



Imagem 1 - Imagem da Feira de Frutas. Ao fundo, a concorrência de um supermercado  
Foto: João Paulo Borges Epifânio – 18/01/2019

Nas entrevistas que fiz com alguns interlocutores/as procurei usar a história oral e a metodologia de entrevistas semidirigidas, escolhi os entrevistados a partir de três diferentes características a saber: o filho de um feirante da década de 1990, a de um feirante e a de uma freguesa. A partir das falas de três pessoas que vivem a feira em condições diferentes passei a entender melhor as compreensões e significados que esses sujeitos atribuem-na.

## 2.1 A Feira e os seus Múltiplos Significados

Analisando a fala de Luna é possível perceber a dualidade com que descreve a sua experiência na feira. Por um lado, o entrevistado relembra as responsabilidades advindas do fato de ser filho de feirante, por outro, mostra como aproveitava o espaço da feira para vivenciar experiências lúdicas e afetivas, ou seja, vivências que dizem respeito às sensibilidades.

Assim, o modo de experienciar a feira burla aquilo que chamamos de realidade material, e atinge dessa forma, as subjetividades dos sujeitos. A feira se torna espaço afetivo. Espaço de múltiplas possibilidades: escutar uma boa conversa, encontrar amigos e etc:

[...] era uma dificuldade pra gente se acordar porque a gente ia de madrugada arrumar os troços pra depois levar pra feira...mas lá na feira a gente sentia prazer, muitas das vezes, de ouvir boas conversações na hora das negociações, de ouvir pessoas mais velhas.<sup>4</sup>

Na fala de Luna é perceptível a contraposição diante da dificuldade de acordar no meio da noite, e a recompensa de ir para a feira. Quando o orvalho frio da madrugada toca o nosso telhado, é comum querer estar com o nosso corpo envolto no lençol, bem aquecido. Quando chega o sono durante a noite é natural a vontade de dormir e só querer se acordar quando o sono nos satisfizer, talvez no outro dia, sentir durante a noite a paz do silêncio da madrugada e ao acordar o prazer de ter dormido a noite bem.

Mas para Luna, por ser filho de feirante, o simples hábito de dormir nem sempre foi prazeroso, pois tinha que acordar durante a madrugada para organizar ‘os troços’ e depois ir à feira. Para ele isso era algo desagradável, chato e desgastante, porém ao chegar à feira o cenário mudava, se ambientava energicamente de uma maneira muito feliz, o prazer lhe assediava quando ouvia as pessoas mais velhas contando suas histórias. A maturidade e a experiência de vida dos mais velhos encantavam-no. O traquejo do seu pai no ato de vender e

<sup>4</sup>Élton Gomes de Luna. Conforme entrevista concedida a João Paulo B. Epifânio em 10 fevereiro 2019. Duas Estradas, PB.

negociar os produtos o encantava. Ele escutava tudo embevecido e para ele tinha um sentido emocional. Ou seja, assim estava compensado o hábito de acordar cedo deixar a sua cama as madrugadas. Enquanto o seu pai e os fregueses decidiam como fechar os negócios, Luna ouvia as conversas paralelas e se deliciava com os fatos narrados.

O caráter afetivo da experiência na feira também se revela quando Luna fala sobre o flerte com as moças em plena feira: [...] “a gente se engraçava muito pelas meninas que vinham da zona rural, a gente se engraçava muito por causa daquele jeitinho tímido, meigo delas”.<sup>5</sup>

Percebe-se na fala do Luna o sentir paixão ou atração pelas meninas que iam a feira comprar alimentos ou simplesmente passear. O desejo que se aflorava denota uma resposta afirmativa pela maneira ingênua como as meninas se portavam na feira e como eram vistas, sobretudo, pelos homens. A sua condição emocional de afeto naquele momento e o seu encantamento diante de toda aquela situação compreende uma admiração no superlativo. A feira como lugar de encontro permite a troca de olhares, a fusão de emoções, a consubstanciação de interesses diversos e um ponto de encontro para as mais variadas práticas afetivas e culturais.

As compreensões de afeto e generosidade recíproca na feira também se apresentam por meio das transações comerciais, pois por trás do ato de vender e comprar se estabelece uma relação de conquista no lado pessoal também.

A forma de como vender nas feiras interioranas é algo que pressupõe também conhecer o seu freguês em algumas particularidades, e alcançar a sua individualidade enquanto sujeito, pois o relacionamento frequente destes sujeitos desemboca para uma relação de confiança e de entrosamento entre ambos, o considerar o outro se nutre neste momento, como diz em outras palavras o Sr. José Antônio:

Eu vendo há mais de 10 anos nessa feira, a gente conhece todo mundo que passa por cá e por riba [...] todo sábado tem gente pra comprar de quilo, tem feira que dá boa, outras dá fraca, mas os ‘freguês’ fiel a gente sempre dá um agrado [...] o que a gente sabe que é certo a gente faz de tudo pra agradar, vende mais barato, deixa pra pagar na outra feira se tiver sem o trocado na hora [...] de todo jeito o caboclo sendo bom a gente faz negócio [...] tem uns que a gente sempre separa umas encomenda diferente.<sup>6</sup>

Costumamos pensar a compra e a venda como sendo ações, unicamente, racionais. No entanto, a fala de José Antônio, nos direciona a outra direção: a venda se baseia, também, em jogos de sedução. Jogos esses que, estrategicamente, baseiam-se, no sorriso, na fala, nos gestos corporais ou simplesmente no ouvir. Tudo isso pode ser fator decisivo entre a volta ou não de um cliente. Assim, aquilo que, a priori, percebemos como uma prática dura, mecânica e racional, mostra-se, na verdade, flexível, maleável e sensível.

Na rede de afetos que se constrói entre freguês e feirante, até mesmo os preços oscilam. Adia-se o pagamento. Formas de “agrado” que objetivam criar laços com os clientes e, conseqüentemente, obter lucros. Para os amigos de longos anos, é possível, como podemos ver no discurso de José Antônio, separar uma encomenda especial – sinal de que o feirante conhece os gostos e desejos do cliente: sinal de intimidade que o entrevistado faz questão de ressaltar. Evidente que esse tipo de discurso não é inocente. Agradar também é uma forma de conquistar clientes permanentes. Nesse sentido, é necessário perceber as práticas de venda e de compra como espaços em que se misturam os desejos, afetos, interesses e necessidades. Espaço da razão, mas também das sensibilidades.

---

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> José Antônio da SILVA. Conforme entrevista concedida a João Paulo B. Epifânio em 18 abril 2019. Duas Estradas, PB.



Imagem 2 - Feirante em momento de encontro com seu freguês em Duas Estradas-PB  
Foto: João Paulo Borges Epifânio – 18/01/2019

A feira enquanto lugar de encontro, boas conversas e centro de distribuição de informações tem espaço certo na experiência da Sr.<sup>a</sup> Maria do Livramento: “[...] Ah, na feira a gente desopila, sabe das coisas, fica informada [...] ‘num’ tem tempo ruim, é bom conversar com as amigas na feira pra não ficar por fora das novidades”.<sup>7</sup>

Entende-se a partir da fala da entrevistada que na sua experiência na feira ela consegue se distrair de modo alegre e ficar informada das mais variadas notícias, o que é algo prazeroso para ela. Deve se considerar o lado da satisfação neste aspecto, pois a feira se revela como um lugar que traz relaxamento a ela, ela se sente bem, estando neste ambiente ela ‘desopila’, desopilar pode se entendido na sua experiência como se esquecer de algo que lhe sufoca, sendo a feira um lugar de escape, onde ela esquece, por horas, dos seus problemas. Desta maneira, a feira para ela tem uma representação muito além de um lugar de compra e venda, mas se revela também como um lugar terapêutico.

A feira como um lugar que recebe pessoas dos diferentes cantos da cidade, da zona rural e de outras cidades favorece nos encontros e reencontros semanais a oportunidade das pessoas saberem como vão umas às outras, suas famílias, comentarem a notícia do jornal que está em destaque, a última cena da novela preferida ou até fazerem a velha e tão conhecida fofoca. Neste ponto podemos compreender a feira como espaço de troca de informações. A feira também tem seu sentido de entretenimento, como assevera Luna:

Gostava muito de ouvir aquelas músicas que eram tocadas no passa fitas [...] Músicas de forró, de rock [...] a gente curti aquelas músicas na hora do trabalho, na hora da ralação, era muito bom isso.<sup>8</sup>

Para Luna, enquanto o trabalho na feira seguia o seu fluxo natural de maneira comercial, enquanto a ‘ralação’ acontecia, um detalhe lhe atraía e lhe tocava às sensibilidades: a música.

O entrevistado demonstrou, durante a entrevista, que a memória de suas experiências na feira estavam ligadas aos sons: músicas que tocavam na feira durante as horas em que estava trabalhando. Em meio a toda a agitação natural da feira, com todo barulho, o ouvir aquele ‘passa fitas’ não passava despercebido a sua audição e não somente neste sentido

<sup>7</sup>Maria do Livramento Silva LEITE. Conforme entrevista concedida a João Paulo B. Epifânio em 15 maio 2019. Duas Estradas, PB.

<sup>8</sup> Ibid.

sensorial físico, mas também no campo das suas emoções, na sua alma. A emoção era de alegria. Isso porque ele sentia prazer em estar naquele ambiente ouvindo as músicas que se passava no passa fitas: músicas de forró e rock, algo que energizava a sua alma e lhe dava um sentido todo especial à feira naqueles momentos. A feira sem as músicas, para ele, não teria a mesma alegria. Ele se nutria disso e tornava a feira mais bela.

Ao ser perguntando o que mais tinha saudades do tempo em que trabalhava na feira, Luna respondeu:

“Rapaz [...] tomar caldo de cana com pastel logo cedo... falar com o povo... pai se dava bem com quase todo mundo! chegava uns ‘veinho’ de vez em quando contando cada história de trancoso que dava dez! era muito bom sentir o cheiro dos abacaxi naqueles tempo, dos ‘camarão’, ver pessoas que a gente gostava e hoje não ver mais [...] até hoje quando vou na feira lembro disso tudo.”<sup>9</sup>

O sentimento de nostalgia é carregado nesta fala de Luna. Lembrar de um passado que foi bom e que não volta mais é algo facilmente sentido e entendido em sua expressão facial e em suas palavras durante a entrevista. O sentimento de saudade o cerca. Quando ele lembra de si na feira, não esquece de seu pai, a sua memória afetiva os liga facilmente de uma maneira colada e saudosista a aqueles tempos. A saudade aperta. Pelas suas expressões, devia haver um elo de sentimentos muito forte entre os dois naquele ambiente, um grande entrosamento de pai e filho juntos a um objetivo: ganhar o sustento da casa por meio do trabalho na feira. Na mesma fala ele recorda a sua memória olfativa, o sentido do ‘cheiro’ adquire um status de ‘bom’ e esse bom ligado a feira. Os cheiros fortes como o do camarão e do abacaxi o fazia sentir sensações agradáveis naquele espaço. Ele se sentia bem com esses cheiros. O “comer” também seguia essa linha de significância.

Em relação a se referir a pessoas que hoje ele não ver mais e que via ‘naquele passado’, um sentimento de impotência e tristeza o assalta quando vai a feira, isso porque muitos já faleceram, outras se mudaram para cidades mais longínquas, a essas pessoas só restam boas recordações, pois o tocar, o ver e o ouvir pessoalmente é impossibilitado, isso no campo material. Por essas pessoas ele nutria, a nível de sensibilidades uma simpatia, seja por elas despertarem-lhe risos, por serem figuras carismática, alegres ou mesmo porque elas aguçavam sua admiração. O certo é que tais pessoas deixaram uma lacuna na sua alma, algumas delas morreram, porém vivem nostalgicamente nas suas lembranças.

---

<sup>9</sup>Ibid.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Extrapolando o aspecto material/ econômico, o sentido simbólico/cultural ganhou destaque neste trabalho. Não pretendi neste estudo alcançar uma suposta verdade sobre a feira livre de Duas Estradas, mas identificar os sentidos que os entrevistados deram a ela a partir de suas experiências. Dessa forma as subjetividades dos sujeitos sociais alcançaram aqui todo relevo.

A feira é um espaço onde o constante encontro e cruzamento de pessoas de diferentes classes sociais, valores e crenças, permite uma produção cultural muito acentuada, vista raramente em poucos outros espaços.

Tenho observado que, não obstante a feira livre de Duas Estradas ser ainda o lugar aonde os moradores do município mais vão semanalmente fazer compras, o seu acesso está cada dia mais limitado; o que é uma pena, pois a meu ver, ali está um pedaço do passado da cidade, muitas memórias estão ali e muitas das vezes sendo esquecidas.

Extraí sensibilidades dos entrevistados em torno da feira foi o meu maior desafio e, como esperava, foi minha maior dificuldade neste trabalho, algo ao qual considero como “tirar leite de pedra”.

Trabalhar a feira livre de Duas Estradas para mim foi muito gratificante, isso não somente por ser na minha terra, mas por se sentir contagiado por cada detalhe desse ambiente tão encantador e acolhedor. Sentir o cheiro das frutas, ver o vermelho das carnes, escutar boas músicas e sentir a vibração das pessoas, logo cedo da manhã, neste espaço, é algo que para mim se constitui uma terapia, terapia essa que desejaria que todos pudessem fazer e que se sentissem tão bem quanto eu neste espaço tão rico em cultura e aconchegante de calor humano.

Espero através deste trabalho influenciar novas pesquisas sobre as feiras livres, se fazer pensar a feira com olhares dos mais diversos, dar a minha contribuição para engrandecer esse patrimônio cultural e que ela enquanto resistência consiga se manter viva e resiliente aos tempos futuros.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COSTA, Severino Ismael. **Caiçara: Caminho de almoceves.** João Pessoa: Micrográfica, 1990.
- DOLZANI, M. & JESUS, G.M. **O direito a cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro.** Disponível em:<<http://www.uerj.br>>. Acesso em: 18 de janeiro 2018.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/duas-estradas/panorama> Acesso em: 20 de janeiro 2018.
- OLIVEIRA, Luís Gonzaga. **Quadros da minha infância.** João Pessoa: A imprensa, 1958.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- TOURTIER-BONAZZI, de Chantal. **Arquivos: propostas metodológicas.** In: Usos & Abusos da História Oral. Amado, J; Ferreira, M.M. (Coord.). 8a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SILVA, Márcio Rodrigues da. **A produção do espaço urbano: O centro de Duas Estradas e suas singularidades.** Guarabira: UEPB, 2016.

**APENDICE A – Questionários sobre a feira**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**Pesquisa:** As múltiplas significações da feira livre de Duas Estradas-PB.

**Pesquisador:** João Paulo Borges Epifânio

**Professor Dr. Orientador:** Waldeci Ferreira Chagas

**Questionários sobre a feira.****1ª ENTREVISTA**

Nome do entrevistado: Éliton Gomes de Luna

Idade: 39 anos

Município de nascimento: Duas Estradas-PB

Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo

Função na feira: filho de feirante na década de 90 em Duas Estradas.

1. Qual a primeira lembrança que você tem da feira de Duas Estradas, do tempo que você trabalhava?
2. Você faz a feira de casa?
3. No tempo que você trabalhava na feira, o que é que você mais gostava?
4. Mais alguém da sua família trabalhava na feira?
5. A feira de Duas Estradas aumentou ou diminuiu pra vista do tempo que você trabalhava?
6. O que você mais tem saudade do tempo da feira?

**2ª ENTREVISTA**

Nome do entrevistado: José Antônio da Silva

Idade: 63 anos

Município de nascimento: Nova Cruz- RN

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental incompleto

Função na feira: feirante

1. Como o senhor se sente na feira?
2. O senhor começou a trabalhar na feira com quantos anos?

3. O senhor tem muitos amigos na feira?
4. O que o senhor mais gosta da feira?
5. O povo daqui é mais alegre do que nas outras feiras que o senhor faz?
6. Qual a primeira lembrança que o senhor tem quando chegou nessa feira?

### **3ª ENTREVISTA**

Nome da entrevistada: Maria do Livramento Silva Leite

Município de nascimento: Guarabira- PB

Idade: 42 anos

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental incompleto

Função na feira: freguesa

1. Qual a primeira lembrança que a senhora tem da feira daqui ( Duas Estradas)?
2. A senhora faz a feira daqui a quanto tempo?
3. Seu esposo faz a feira com a senhora?
4. O que a senhora mais gosta na feira?
5. O que mudou na feira da sua mãe para hoje?
6. Você costuma comprar nos mesmos cantos, com as mesmas pessoas na feira?
7. Como a senhora se sente na feira?